

1
2
3
4
5
6
7

TRANSMISSÃO DOS TEXTOS DO TEATRO DE CORDEL NA BAHIA: ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS

Rosa Borges dos Santos (UFBA)
borgesrosa66@gmail.com

8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

RESUMO

Os textos do teatro de cordel trazem o registro de uma modalidade de língua de influência do popular, na fala de personagens, delineando dialetos sociais e diferentes níveis da língua falada. Na edição de um texto para fins de estudo linguístico, deve-se observar o *usus scribendi*, a cultura do autor, os pormenores da tradição e transmissão textuais, e ainda diferenciar o que é erro (lição desprovida de autoridade) de variante. Cabe ao filólogo, antes de interpretar a língua de um texto ou de um gênero textual, estabelecer as características de sua transmissão material. A etapa de transmissão e as particularidades textuais condicionam igualmente as decisões editoriais. Assim, o editor crítico, em função das diferentes situações apresentadas pelo texto e por seus testemunhos, assume a atitude de conservar apenas um testemunho do texto que se quer editar, ou conservar vários, além de propor diferentes modelos editoriais, conforme seu interesse e fim a que destina a edição. Pretende-se, nesta comunicação, abordar o processo de transmissão textual, destacando os tipos de edição que levem em conta as especificidades dos testemunhos, fazendo um estudo interpretativo dos dados fornecidos pela tradição textual e trazendo alguns exemplos retirados dos textos teatrais adaptados da literatura de cordel para, neles, destacar algumas das características que lhes constituem, como a representação escrita das variações da língua oral e o vocabulário próprio daqueles textos.

26
27
28

Palavras-chave:

Edição. Transmissão de textos. Teatro de cordel. Filologia. Linguística.

29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39

1. *Relação entre filologia e linguística*

A filologia, entendida como ciência do texto, estuda o próprio texto e, nele, a língua, a literatura e a cultura. A atividade de edição de textos, com o propósito de desenvolver estudos de língua, possibilita aos estudiosos a construção de um acervo de grande valia para o conhecimento dos fatos de língua neles documentados, como também o contrário se verifica, ou seja, é preciso conhecer o uso linguístico da obra e da época para buscar, então, estabelecer o texto crítico. Célia Marques Telles e Rosa Borges dos Santos Carvalho (2005, p. 82) estreitam a relação da filologia com a linguística, ao tratarem da mudança linguística e da crítica textual, perspectivas inseparáveis no âmbito dos estudos filológicos na Bahia,

1 na primeira, a da mudança linguística, o texto é o testemunho da língua; na
2 segunda, a da crítica textual, a língua é apenas um dos testemunhos do texto,
3 embora o mais importante deles, pois o texto é estruturado pelas possibilida-
4 des de uso da língua. (TELLES, 2000, p. 101-102)

5 Para Rafael Cano Aguilar (2000, p. 20-21),

6 [...] filología y lingüística han mantenido entre sí una relación que podríamos
7 calificar de complementariedad utilitaria. La filología ha venido a servir a la
8 lingüística (casi sólo a la de carácter histórico) como suministradora y clasificadora
9 de datos: en justa reciprocidad, la lingüística (histórica) proporciona a la
10 Filología, entendida como análisis reconstructivo de textos, las imprescindibles
11 referencias que ayuden a fechar y diferenciar manuscritos, imaginar arquetipos,
12 vincular a zonas geográficas o ámbitos culturales, etc. De hecho, incluso los
13 lingüistas históricos que parecen reivindicar hoy la Filología no otorgan a ésta,
14 en principio, otro papel que el estudiar los textos para obtener de ellos datos
15 (incluyendo los textos de gramáticos antiguos, etc.) y clasificarlos adecuadamente:
16 es la Lingüística la que se ocupará de dar sentido y explicar esos datos.¹
17

18 Ainda na esteira do que afirma Rafael Cano Aguilar (2000, p. 24),
19 a análise filológica da língua é utilizada para algo mais,

20 [...] estudia la lengua de esos textos no como si fuera el reflejo, la manifiesta-
21 ción de “estados estables” (valga la redundancia), sino como momentos concretos
22 en el devenir del idioma, cuyos modos evolutivos ejemplifica. [...] el análisis
23 lingüístico-filológico (análisis de la lengua de un texto según la perspectiva del
24 filólogo) es siempre análisis global: desde los aspectos menores de la fonía que
25 el texto parece traslucir a través de su organización gráfica a las distintas
26 significaciones que en él puedan hallarse, pasando por todos los aspectos de su
27 configuración gramatical y léxica, el investigador no debe pasar nada por alto.
28 Además, todos esos aspectos lingüísticos han de ser vistos dentro del contexto
29 (histórico, lingüístico e histórico-cultural) en que se halla el texto: el análisis
30 filológico-lingüístico non es nunca “inmanente”, y ello no sólo cuando se quiere
31 caracterizar un momento determinado de la historia de un pueblo o una variante
32 de un texto dado, sino también cuando se analiza el texto como tal texto. Para
33 el filólogo, el texto siempre remite a otros textos, bien

¹ Tradução nossa: [...] filologia e Linguística mantiveram entre si uma relação que poderíamos classificar de complementariedade utilitária. A filologia serviu à linguística (quase apenas a de caráter histórico) como fornecedora e classificadora de dados: em justa reciprocidade, a Linguística (histórica) proporciona à filologia, entendida como análise reconstrutora de textos, as imprescindíveis referências que ajudam a datar e diferenciar manuscritos, imaginar arquetipos, vincular a zonas geográficas ou âmbitos culturais etc. De maneira que, mesmo os linguísticas históricos que parecem reivindicar hoje a filologia não outorgam a esta, em princípio, outro papel que o de estudar os textos para obter deles dados (incluindo os textos de gramáticos antigos etc.) e classificá-los adequadamente: é a Linguística que se ocupará de dar sentido e explicar esses dados.

1 como eslabones ejemplificadores de la evolución de una lengua, o bien porque
2 haya que recurrir a ellos para poder entender el texto que se está analizando.²

3 Vê-se então que essa relação entre a filologia e a linguística se
4 mostra mais produtiva, quando se entende os textos em uma perspectiva
5 mais ampla, como objetos culturais, como sistemas ideológicos de valores
6 e crenças, consubstanciais à cultura em que são escritos ou lidos
7 (GUZMÁN GUERRA; TEJADA CALLER, 2000, p. 34). O texto passa a
8 ser compreendido como um espaço de possibilidades relacionais, como
9 um processo que envolve o contexto no qual é produzido e se inscreve, e
10 onde adquire sua significação. O filólogo, estudioso de língua e editor de
11 textos, deverá levar em conta, em seus estudos, o homem, sujeito dessa
12 história, que usa e transforma essa língua, por razões que extrapolam os
13 fatores linguísticos, tais como, culturais, sociais, etnográficas, psicológi-
14 cas, estilísticas, entre tantas outras, e que deixa em seus escritos, antigos,
15 medievais, modernos e contemporâneos, diversas marcas. Por isso, como
16 Celso Cunha (2004, p. 349), citando Paul Valentin (1969, p. 297), afir-
17 ma-se: “Il faut être philologue avant d’être linguiste”.³

18 19 **2. Transmissão textual, edição e estudo de língua**

20 Na prática filológica, busca-se restituir o texto à sua forma origi-
21 nal ou dela aproximada para apresentação ao leitor, especializado, sobre-
22 tudo, ou comum, para o acesso às fontes documentais e/ou literárias.
23 Quando se realiza a edição de um texto, independente de se tratar da *filo-*
24 *logia do manuscrito ausente* ou da *filologia do manuscrito presente*, ou
25 das diferentes *formas de transmissão textual*, manuscrita, impressa e di-

² Tradução nossa: [...] estuda a língua desses textos não como se fosse o reflexo, a manifestação de “estados estáveis” (que valha a redundância), mas sim como momentos concretos no devir do idioma, cujos modos evolutivos exemplificam [...] a análise linguístico-filológica (análise da língua de um texto, segundo a perspectiva do filólogo) é sempre análise global: desde os aspectos menores da fonia que o texto deixa transparecer através de sua organização gráfica às distintas significações que nele se pode encontrar, passando por todos os aspectos de sua configuração gramatical e léxica, o investigador não deve deixar que nenhuma informação seja imprecisa. Além disso, todos esses aspectos linguísticos têm de ser vistos dentro do contexto (histórico, linguístico e histórico-cultural) em que se encontra o texto: a análise filológico-linguística não é nunca “imaneante”, e isso não apenas quando se quer caracterizar um momento determinado da história de um povo ou uma variante de um texto dado, mas também quando se analisa o texto com um texto. Para o filólogo, o texto sempre remete a outros textos, tal como elos exemplificadores da evolução da língua, ou porque tenha que recorrer a eles para poder entender o texto que se está analisando.

³ Tradução nossa: É necessário ser filólogo antes de ser linguista.

1 gital, considera-se que há ali uma variação textual que evidencia diferen-
2 ças que, por sua vez, devem ser integradas na apresentação textual. Célia
3 Marques Telles (2000, p. 115) remete, em suas observações, para Gian-
4 franco Contini (1990, p. 165-173), ao tratar dos tipos de dados linguísti-
5 cos fundamentais para o editor de textos: “aqueles ligados à rima, à mé-
6 trica e ao ritmo; aqueles ligados às chamadas *lectiones difficiliore*s⁴ e, fi-
7 nalmente, as variantes”. Assim, o trabalho do filólogo-linguista somente
8 deverá ser feito a partir de textos fidedignos, caso contrário, como nos
9 adverte Giuseppe Tavani (1988, p. 53), todas as operações hermenêuticas
10 e críticas podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras.

11 Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008), ao posicionar-se em relação
12 à questão por ela formulada à seção D de seu trabalho, “É possível fazer
13 linguística histórica ou diacrônica sem considerar a filologia?”, afirma:

14 A filologia, hoje, parece integrar-se melhor como uma das formas de
15 abordar a documentação escrita, tanto literária como documental em sentido
16 amplo, enriquecida pelas vias da crítica textual, tanto de textos antigos como
17 modernos. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 14)

18 Adiante acrescenta “a edição tem de ter sido feita com *rigor filo-*
19 *lógico* e com objetivo claro de servir a estudos linguísticos”. (MATTOS
20 E SILVA, 2008, p. 15)

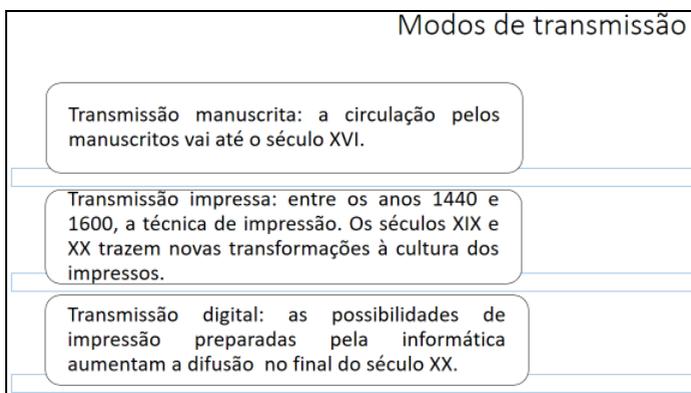
21 Outro aspecto bastante discutido na prática editorial, diz respeito
22 ao grau de intervenção do editor nos textos que, a partir dos critérios por
23 ele adotados, são, segundo Lola Pons Rodríguez (2006, p. 12), “en buena
24 medida *critérios de transcripción*, esto es, decisiones selectivas sobre el
25 todo del *acto* lingüístico original”.⁵ Discutem-se também alguns aspectos
26 relativos à modernização gráfica, ponto mais polêmico, a heterogeneida-
27 de da pontuação, a eliminação da variação sintática. Defende-se o *inter-*
28 *ventionismo razoável da crítica textual* e também necessário para histó-
29 ria da língua, pois, como adverte Claire Blanche-Benveniste (1998), se o
30 filólogo se engana na transcrição, ele cria um fato linguístico novo. As-
31 sim, “[n]o hay que sacralizar la paleografía ni hay tampoco que demoni-

⁴ Lição que, pela sua estranheza linguística ou pela sua dificuldade geral, e quando contraposta a outras mais banais ou fáceis dadas por outros testemunhos para o mesmo lugar, é tida como a que tem maior probabilidade de ser a do original: pressupõe-se que, por ser rara e difícil, os copistas a tenham reproduzido com mais atenção, havendo assim uma tendência para conservá-la quer na tradição quer nas edições críticas. (DUARTE, 1997, p. 81)

⁵ Tradução nossa: [...] em boa medida *critérios de transcrição*, isto é, decisões seletivas como um todo sobre o ato linguístico original.

1 zar al editor, lo que supone desechar la idea de que el historiador de la
2 lengua es por defecto conservador”⁶ (PONS RODRIGUEZ, 2006, p. 13).
3 Aconselha-se, desse modo, um *conservadorismo prudente*, “sustentado
4 en los usos gráficos de la tradición escritural implicada, que revele el valor
5 geosocial de las grafías y tome en consideración su posible irrelevancia
6 fonética”⁷ (PONS RODRIGUEZ, 2006, p. 14), sobretudo diante da
7 situação na qual se encontra o filólogo editor, entre o princípio científico,
8 diante de um paleografismo servil, e o compromisso em facilitar a legibilidade
9 da obra ao leitor.

10 Cabe ao filólogo, para fins de edição, antes de interpretar a língua
11 de um texto ou de um gênero textual, estabelecer as características de sua
12 transmissão material, delineando as tecnologias e os produtos de cada
13 época.



14 **Fig. 01: Modos de transmissão textual**

15 **Fonte: Elaborado pela autora com base em Glessgen (2007)**

16
17 A etapa de transmissão e as particularidades textuais condicionam
18 igualmente as decisões editoriais. Assim, o editor crítico, em função das
19 diferentes situações apresentadas pelo texto e por seus testemunhos, assume a atitude de conservar apenas um testemunho do texto que se quer editar ou conservar vários, além de propor diferentes modelos editoriais, conforme seu interesse e fim a que se destina a edição (cf. **Fig. 2 e 3**).

⁶ Tradução nossa: Não se deve sacralizar a paleografia, tampouco demonizar o editor, o que supõe descarta a ideia de que o historiador da língua é defeituosamente conservador.

⁷ Tradução nossa: [...] sustentado nos usos gráficos da tradição escritural implicada, que revele o valor geossocial das grafias e leve em consideração sua possível irrelevância fonética.

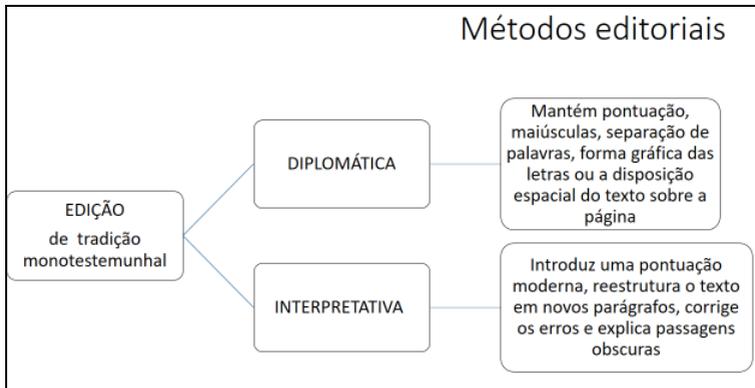


Fig. 02: Métodos editoriais (tradição monotestemunhal)
 Fonte: Elaborado pela autora com base em Glessgen (2007)

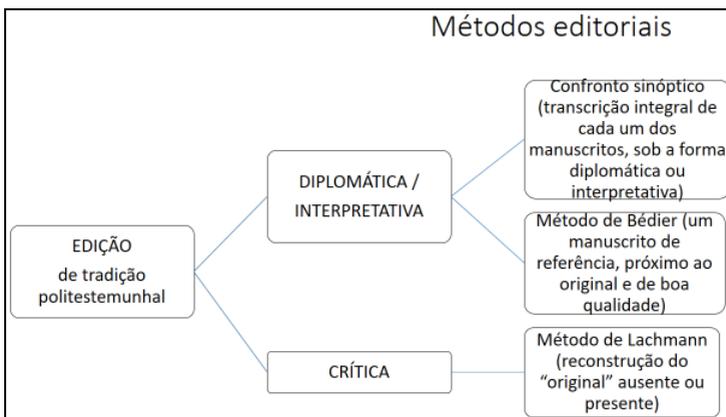


Fig. 03: Métodos editoriais (tradição politestemunhal)
 Fonte: Elaborado pela autora com base em Glessgen (2007)

A filologia, assim, cumpre sua finalidade como “ciência do texto” que é a edição de textos, seja por meio da *reprodução documental*, fazendo a transcrição do texto, seja por meio do *estabelecimento do texto crítico*. Como se pode ver nas Fig. 2 e 3, há diversos tipos de edição e cada uma delas atende a determinados propósitos do editor que busca agir em conformidade com as situações textuais encontradas, se se propõem a editar textos de tradição monotestemunhal ou politestemunhal. Para além da diplomática ou paleográfica, interpretativa e crítica, destacam-se ainda a sinóptica, a semidiplomática e a fac-similar.

1 Na edição de um texto para fins de estudo linguístico, deve-se ter
2 muita cautela, observando-se o *usus scribendi*, a cultura do autor, os
3 pormenores da tradição, e ainda diferenciá-lo que é *erro* – lição despro-
4 vida de autoridade – de *variante*, pois, neste caso, caberá ao editor adver-
5 tificar o leitor para tal fato, mas não deverá corrigi-lo. É preciso também co-
6 nhecer as normas ortográficas vigentes à época em que o texto fora es-
7 crito, consultar gramáticas históricas e dicionários para que possa o edi-
8 tor ser coerente no seu trabalho de edição e estudo. Cabe ao filólogo edi-
9 tor estudar as variantes a fim de proceder ao estabelecimento do texto
10 crítico, conservando todas as características da *scripta* do texto.

11 Segundo Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro (1989, p. 201),
12 para transcrição e reprodução de um texto, deve-se levar em conta sua
13 especificidade, além de tornar essa transcrição a mais rigorosa e inequí-
14 voca possível, daí optar-se “por uma transcrição diplomática que inte-
15 gralmente respeita o movimento de escritura, as suas hesitações, os seus
16 equívocos e as marcas dos seus incidentes caligráficos”. Quando, porém,
17 pretende-se “dar a conhecer a disposição gráfica cultivada pelo Escritor,
18 prefere-se a reprodução fac-similada”.

19 Rita Marquilhas (2004, p. 1-2) assevera que

20 [p]ara resolver o problema da decifração, começa por se tornar paleógrafo. No
21 momento de escolher as normas de transcrição, aí torna-se crítico textual,
22 adoptando a regra de ouro da mesma disciplina: *fixar um sistema ortográfico*
23 *capaz de, na medida do possível, representar fielmente a língua do autor e do*
24 *seu tempo, utilizando os sinais gráficos de hoje*. Na prática, sempre tolhido
25 pelo medo de se afastar “da língua do autor e do seu tempo”, sempre indeciso
26 entre o que são grafias fonetizantes e grafias só convencionais, sempre inseguro
27 perante o enigma da pontuação antiga, opta pela solução conservadora,
28 muito próxima do texto do original manuscrito. A edição enche-se de símbo-
29 los não alfabéticos, de algarismos, de itálicos e sublinhados, de grafias con-
30 trastantes com a ortografia actual. Dá-se conta do que estava na entrelinha, da
31 dúvida na decifração desta ou daquela letra, da abreviatura, da variante gráfi-
32 ca, da emenda, da outra mão que interveio pontualmente... O texto fica diplo-
33 maticamente (ou paleograficamente) próximo do original, mas ganha uma co-
34 dificação e um grafismo tão variáveis, que o resultado só pode ser um, do pon-
35 to de vista da sua leitura: – o da *ilegibilidade* do discurso escrito ali oferecido.

36 Assim justificado, Rita Marquilhas, pensando na recepção dos
37 textos, propõe uma edição interpretativa para algumas cartas do século
38 XVII que a inquisição portuguesa arquivou, com uma transcrição moder-
39 nizada. Diz ela:

40 Chamo-lhe *edição interpretativa*, utilizando o termo na acepção de Aurelio
41 Roncaglia, quando distingue edições *mecânicas* e *diplomáticas*, conserva-
42 doras, portanto, e tradicionalmente destinadas aos historiadores, de edições

1 modernizadas. Nestas últimas, aplicadas usualmente a textos de interesse lite-
2 rário, distinguem-se as *interpretativas* das *críticas*, sendo que as interpretati-
3 vas incidem sobre textos que se conservaram num único testemunho. A asso-
4 ciação que os editores de textos fazem tradicionalmente entre *documento his-*
5 *tórico* e *edição mecânico-diplomática*, por um lado, e *texto literário* com sua
6 *edição interpretativo-crítica*, por outro, tem sido, de resto, a grande responsá-
7 vel pela referida inclinação dos linguistas para as edições diplomáticas ou qu-
8 asidiplomáticas. (MARQUILHAS, 2004, p. 2)

9 Se, porém, se quer um texto para análise linguística com menor
10 grau de intervenção do editor, sugere-se uma edição fac-similar (o fac-
11 símile digital, por exemplo), se pretende avançar mais nesse processo de
12 mediação do editor, aconselha-se apresentar o texto, reproduzindo-o di-
13 plomática ou paleograficamente, ou ainda em uma edição sinóptica, que
14 consiste na “reproducción simultánea (normalmente en páginas contras-
15 tadas o en columnas paralelas, verticales u horizontales) de la transcrip-
16 ción diplomática de todos y cada uno de los testimonios de la tradición
17 de una obra”.⁸ (PÉREZ PRIEGO, 1997, p. 50)

18 O que se vê naturalmente é que cada texto apresenta seus proble-
19 mas particulares, pertence à determinada tradição, e que, por isso, é ne-
20 cessário pensar no que seria o fim último da crítica textual, a edição do
21 texto, assumindo o editor, em função das diferentes situações apresenta-
22 das pelo texto e por seus testemunhos, uma postura crítica. Assim, para o
23 estabelecimento do texto crítico, resultado de qualquer edição crítica, de-
24 ve o filólogo editor escolher, primeiro, dentre os testemunhos, o texto de
25 base, depois, a lição que melhor corresponda ao estilo, à época do autor,
26 ao gênero a que pertence o texto a ser editado, e seu contexto, tomado em
27 seu processo de produção, circulação e recepção, fazendo-se uma análise
28 interpretativa dos dados fornecidos pela tradição textual, ou seja, tomam-
29 se os textos em seu processo de transmissão e considera-se a história da
30 tradição exposta no aparato crítico.

31 Desse modo, em se tratando de uma edição crítica, pauta-se o edi-
32 tor em uma leitura interpretativa, para que as decisões referentes àquilo
33 que entrará no texto crítico sejam tomadas com segurança. Afinal, aqui o
34 editor, partindo do texto de base, substitui lições, levando-se em conta o
35 que está em outros testemunhos, fornece outras lições, corrige erros,

⁸ Tradução nossa: [...] reprodução simultânea (normalmente em páginas contrastadas ou em colunas paralelas, verticais ou horizontais) da transcrição diplomática de todos e de cada um dos testemunhos da tradição de uma obra.

1 omissões, ou alterações não autorizadas (DUARTE, 1997, p. 88). Trata-
2 se de um processo que se completa com

3 [...] la presentación última de un texto con unas determinadas características
4 gráficas y tipográficas (*dispositio textus*) y la organización de un aparato crítico
5 que dé cuenta de aquel proceso, a lo que aún puede añadirse en un segundo
6 aparato una anotación de carácter histórico, cultural o lingüístico todo lo amplia
7 y exhaustiva que considere el editor.⁹ (PÉREZ PRIEGO, 1997, p. 50)

8 Como os textos aqui tomados para estudo pertencem ao gênero
9 teatral, marcados pelo traço da oralidade, decidiu-se abordar um pouco
10 sobre a prática editorial atinentes aos textos orais. Para tanto, parte-se do
11 trabalho Claire Blanche-Benveniste (1998), que, no capítulo 5, chama
12 atenção para a atividade exclusiva dos filólogos, o estabelecimento de
13 textos, como tarefa que se amplia também para outros âmbitos da lin-
14 guística, sobretudo no que concerne ao estabelecimento dos dados para
15 estudo de textos de “escritores inexpertos o para o establecimiento de da-
16 tos orales”.¹⁰ (BLANCHE-BENVENISTE, 1998, p. 129)

17 No que concerne à edição de tais textos, Claire Blanche-Benve-
18 niste (1998) assevera que cabe ao filólogo estabelecer o texto, buscando
19 adaptá-los aos nossos hábitos de leitura; não se chega a um texto verda-
20 deiro, definitivo, mas procura-se alcançá-lo por meio de aproximações
21 sucessivas. Em relação às fontes divergentes, têm-se, para o editor de
22 textos medievais, manuscritos diferentes; para o editor de textos moder-
23 nos, versões de um manuscrito de autor. Enfim, “[t]oda su práctica [do fi-
24 lólogo] muestra un incesante juego de ir y venir entre el texto y la inter-
25 pretación”.¹¹ (BLANCHE-BENVENISTE, 1998, p. 137)

26 Esclarece-se que para trabalhar com as produções orais o filólogo
27 precisa comportar-se como o editor de textos antigos, primeiro deve rea-
28 lizar a atividade de transcrição para depois proceder à edição.

29

⁹ Tradução nossa: [...] apresentação última de um texto com determinadas características gráficas e tipográficas (*dispositio textus*) e a organização de um aparato crítico que de conta daquele processo, ao qual ainda pode acrescentar-se em um segundo aparato uma anotação de caráter histórico, cultural ou linguístico, tudo o que ampla e exaustivamente considere o editor.

¹⁰ Tradução nossa: [...] escritores inábeis ou para o estabelecimento de dados orais.

¹¹ Tradução nossa: Toda sua prática mostra um incessante jogo de ir e vir entre o texto e a interpretação.

1 3. Transmissão dos textos do teatro de cordel na Bahia

2 Para estudo da representação oral no escrito, tomaram-se alguns
3 dos textos teatrais censurados, adaptados da literatura de cordel por João
4 Augusto, editados por Ludmila Antunes de Jesus¹² (2008), em sua disserta-
5 ção de mestrado. Selecionaram-se os textos *A Chegada de Lampião no*
6 *Inferno*¹³ (ACLI), uma adaptação construída a partir de três folhetos: *His-*
7 *tória Completa do Grande João Soldado*, de autor anônimo, *A Chegada*
8 *de Lampeão no Inferno*, de José Pacheco, e *O Barulho de Lampião no In-*
9 *ferno*, de Rodolfo Coelho Cavalcante; e *Antônio, meu Santo*¹⁴ (AmS),
10 adaptação dos folhetos de Pedro Quaresma e José Martins dos Santos,
11 respectivamente: *A Viúva que Amarrou Santo Antônio n'um Foguete Pa-*
12 *ra se Casar a 2ª vez* e *A moça que Pisou Santo Antônio no Pilão Para se*
13 *Casar com um Boiadeiro*.

14 São textos datilografados, submetidos à ação da censura. Neles,
15 evidenciam-se as marcas da linguagem popular falada em vários níveis,
16 no léxico, na prosódia e na fonética, na sintaxe, nas vacilações ortográfi-
17 cas, porém aqui representadas pelo sujeito culto, aquele que domina a
18 norma padrão, trazendo representações fictícias dos variados tipos huma-
19 nos. Nesse caso, quando se tenta retratar a linguagem popular das perso-
20 nagens, deve-se levar em conta a figura do autor que busca aproximar-se
21 da linguagem do indivíduo a que se está reproduzindo. Essa aproximação
22 entre a linguagem escrita e falada pode ainda ser observada na obra de
23 muitos literatos. Segundo Dino Preti (2000, p. 62), “exemplos expressi-
24 vos desse fato iríamos encontrar, sem dúvida, no teatro [...]”, pois

25 o gênero teatral pode servir-se, com maior liberdade e fidelidade, da fala da
26 época, retratando os *dialetos sociais* e os *níveis de fala*, no sentido também, de
27 possibilitar uma compreensão melhor por parte do espectador até uma possí-
28 vel identificação deste como as situações criadas em cena. (PRETI, 2000, p.
29 62, nota 2)

¹² Ludmila Antunes de Jesus (2014) também tratou do tema *O teatro de cordel de João Augusto*, em sua tese de doutoramento.

¹³ “*A Chegada de Lampião no Inferno* foi encenado nos espetáculos *Estórias de Gil Vicente* (1966), *Cordel 3* (1975), *Teatro de Rua* (1977), e em *Oxente Gente, Cordel*, (1977/78). Nos Acervos, encontram-se, apenas, dois testemunhos datiloscritos, não datados, e com títulos diferentes: *A Chegada de Lampião no Inferno*, T66*, e *O Barulho de Lampião no Inferno*, T77.” (JESUS, 2008, p. 63)

¹⁴ O *script* submetido à DCDP data de 1971, mas a documentação censória data de 1972. O texto foi submetido outras vezes à Censura para encenação em outros espaços e lugares em anos diferen-tes.

- 1 Uma análise do domínio do léxico permite conhecer os padrões
 2 orais da variedade popular do português na literatura: expressões típicas,
 3 palavras regionais, arcaísmos, logo, indícios da cultura popular. Nilce
 4 Sant’Anna Martins (1988, p. 21-22) adverte para o fato de que “[...] é di-
 5 fícil distinguir as *expressões populares* e os regionalismos dos arcaísmos,
 6 visto tratar-se de formas ou expressões antigas que o povo conserva”. Os
 7 regionalismos, por sua vez, dão um tom pitoresco à linguagem. Vejam-
 8 se, a seguir, algumas das palavras e expressões que caracterizam o *léxico*
 9 *regional* nordestino representado nos textos dramáticos examinados:
- 10 [...] Lampião foi ao inferno: quase que o diabo *se campá*. (ACLI, p.77, l.
 11 3-4)
- 12 LAMPIÃO – Olha lá, seu *estafêrmo* – sua cara não me convém. [...] (ACLI, p.
 13 77, l. 9)
- 14 PORTEIRO – Eu num tou aqui pra *troça*. Repita seu nome e *deixe de bossa!*
 15 (ACLI, p. 77, l. 11)
- 16 [...] Onde é que já se viu um homem *alumiar?* (ACLI, p. 78, l.3)
- 17 PORTEIRO – Lá na porta da entrada, tá o *celebra* Lampião, de *babicacho*
 18 passado e *parabelum* na mão. Trazendo sete *bornais*, repleto de munição.
 19 E traja *calça culote*, blusa caqui e *perneira*. Um *chapéu acabanado* [...]
 20 Tá lá e faz *arrelia*. Dois *trompaço* que deu quase arrebenta o salão. [...] (ACLI, p. 79, l.1-5)
- 21 (ACLI, p. 79, l.1-5)
- 22 [...] Traga *punhal* e *bacamarte*. Ande logo, seu *moleirão*. (ACLI, p. 80, l.
 23 6)
- 24 CANTADOR – Chegou uma diabinha com a *trempe* e a *escora*. Danada dan-
 25 do pinote saiu pela rua afora. Porém o cordão partiu – sua *calçola* caiu
 26 botando tudo de fora. [...] (ACLI, p. 80, l. 15-17)
- 27 SERÉCO – Dizem que tá com a *arca caída*. (AmS, p. 92, l.14)
- 28 FILÓCA – Eu sabia que era *espinhela*. Sabia. (AmS, p. 93, l. 4)
- 29 [...] Não pode se aguntá. Quando vê home, dá uma *roedeira* nela, de fazer se
 30 envergonhar. Quéta, menina! (AmS, p. 95, l. 6)
- 31 MIMINHA – No *barricão* eu não fico, que isso é um horror. Se interar mais
 32 um ano sem arranjar um amor – eu *me pico* prá Capital: CASO! Seja lá
 33 com quem for. (AmS,p. 96, l. 10-11)
- 34 FILÓCA – Santo Antônio vê se deixa de ser tão *prezepeiro* [...] (AmS,p. 99, l.
 35 8) [...] Ó Santo *catimbozeiro*, me traga Manuel Menez! De vez! (AmS, p.
 36 99, l. 10-11)
- 37 CHICA - Tem certeza, Miminha? Não é *pabulagem* dela não? (AmS, p. 100, l.
 38 10)
- 39 CHICA – Agora o que? Fala, *inferno*, que já tou *retada!* (AmS, p. 101, l.9)

- 1 CHICA – *Oxente, peste* – e por que? (AmS, p. 101, l.11)
- 2 CHICA – Ah, *peste da bexiga!* [...] (AmS, p. 101, l.13)
- 3 [...] Diz a Urânia prá *soltar* o garoto. Isso vai dá confusão, *Estropiço*. [...]
- 4 (AmS, p. 102, l.10-11)
- 5 [...] Vá pras *profundas*, pro cativeiro. [...] (AmS, p. 104, l.11)
- 6 SERÉCO – Pode vir. Não fique *avexado*. Entra. (AmS, p.105, l. 4)
- 7 SERÉCO – Eu vou. Vou contente – e *aperreado*. A sra. foi dexá... (AmS, p.
- 8 106, l.12)
- 9 [...] Filóca – cara de boboca! Nenen – cara de *com-quem!* Bruxas [...]
- 10 (AmS, p. 108, l. 13)
- 11 TONICO – Tô é cansado agora. Andei muito prá chegar. Tô *arriado*... (AmS,
- 12 p. 110, l. 13)
- 13 CHICA – Se *abanque* aqui, ao meu lado. (AmS, p. 110, l. 14)
- 14 TONICO – Tô *pregado*... (*adormece logo*). (AmS, p. 110, l.15)
- 15 No que tange às *alterações fonéticas*, verificam-se registros de
- 16 metaplasmos que podem ser de supressão, em sua grande maioria, como
- 17 aférese (inda, tá, tou, cês), síncope (Ciço, pra), apócope (passá, tratá), e
- 18 elisão (Santonio), e de permuta (mulé, Ciço), por meio de processos de
- 19 assimilação, dissimilação, entre outros. Tais alterações, perceptíveis na
- 20 fala popular, são coibidas na língua culta. Ressalte-se, porém, que modi-
- 21 ficações desse tipo se observam na passagem do latim para a língua por-
- 22 tuguesa.
- 23 PORTEIRO – Eu *num tou* aqui *pra* troça. Repita seu nome e deixe de bossa!
- 24 (ACLI, p. 77, l. 11)
- 25 LAMPIÃO – Padre *Ciço*, meu padrinho [...] (ACLI, p. 78, l. 9)
- 26 [...] *cê* pode ficar aqui. (ACLI, p. 78, l.15)
- 27 FIFI – A coisa *tá* preta, mas eu com essa marreta, baixo a lenha. Quem quiser
- 28 lutar que venha. (ACLI, p. 80, l. 14)
- 29 [...] Raça de Caim, *cês tão* querendo mesmo é tudo ver meu fim. (ACLI,
- 30 p. 81, l. 19-20)
- 31 [...] Do dedo mindinho ao cotovelo, não faz diferença *dum* ombro *prô* ou-
- 32 tro. (AmS, p. 93, l. 5-6)
- 33 NENEN – Olha: se *passá* três sexta-feira e *num tratá*... o estômago incha, ele
- 34 sofre fadiga, vomita tudo que come e acaba *estupurando*. Morre! (AmS,
- 35 p. 93, l. 10-11)
- 36 NENEN – Nem escolhe mais, a coitada. É homem, *qué casá* – SERVE!
- 37 (AmS, p. 95, l. 6)

- 1 [...] Não pode se *aguntá*. Quando *vê home*, dá uma roedeira nela, de fazer
2 se envergonhar. *Quêta*, menina! (AmS, p. 95, l. 6)
- 3 [...] Olha *prá nós*, olha *prá nós* Santo Antônio. Peço-vos nos *ajudá*. [...]
4 Por tanto... meu *Santonio* peço *prá* nos ajudar. [...] (AmS, p. 98, l. 16-17;
5 l. 20-21)
- 6 CHICA – Agora o que? Fala, inferno, que já *tou* retada! (AmS, p. 101, l.9)
- 7 [...] *Inda bem* que ela é viúva. (AmS, p. 102, l.2)
- 8 [...] *mulé* quando arranja marido – demora muito, não – fica logo viúva!
9 (AmS, p. 102, l.3)
- 10 [...] Diz a Urânia *prá* soltar o garoto. Isso vai **dá** confusão, Estropiço. [...]
11 (AmS, p. 102, l.10-11)
- 12 [...] Vá *pras* profundas, *pro* cativoiro. [...] (AmS, p. 104, l.11)
- 13 MIMINHA – “Vou *prá* Bahia, meu bem. *Vapô chegô* no mar!” (AmS, p. 106,
14 l. 9)
- 15 TONICO – *Tô* é cansado agora. Andei muito *prá* chegar. *Tô* arriado... (AmS,
16 p. 110, l. 1)
- 17 TONICO – *Tô* pregado... (*adormece logo*). (AmS, p. 110, l. 3)
- 18 A *sintaxe* apresenta-se de forma bastante espontânea e com um
19 estilo que lhe é próprio. Observa-se o uso do pronome proclítico, a ação
20 espontânea da fonética sintática que tendia a apocopar os pronomes en-
21 clíticos, o emprego da concordância fora dos padrões, ou daquilo que de-
22 termina a norma do momento, o uso do *não* posposto ao verbo, por
23 exemplo. Seguem os excertos que confirmam o que se disse:
- 24 MIMINHA – No barricão eu não fico, que isso é um horror. Se interar mais
25 um ano sem arranjar um amor – eu *me pico* prá Capital: CASO! Seja lá
26 com quem for. (AmS, p. 96, l. 10-11)
- 27 MIMINHA – *Vou simbóra*. Vou. Eu? Eu? Ficar aqui perdendo a minha juven-
28 tude? [...]. (AmS, p. 100, l. 2)
- 29 PORTEIRO – Seu nome *tem jeito não*. Lamparina, ou Lampião? (ACLI, p.
30 77, l.16)
- 31 [...] Sete luas, sete estrelas, *sete volante* no chão. [...] (ACLI, p. 78, l. 18)
- 32 [...] *Dois trompaço* que deu quase arreventa o salão. [...] (ACLI, p. 79,
33 l.5)
- 34 NENEM – Olha: *se passá três sexta-feira e num tratá*... o estômago incha, ele
35 sofre fadiga, vomita tudo que come e acaba estupurando. Morre! (AmS, p.
36 93, l. 10-11)
- 37 NENEM – Urânia! Você toma jeito. “*Acho, não. Acho não.*” Tá sempre contra
38 tudo. (AmS, p. 91, l. 14; p. 92, l.2)

Diante do que aqui foi apresentado, esclarece-se que, ao realizar o trabalho de edição, faz-se relevante conhecer as estratégias utilizadas pelo autor ao escrever seu texto, por exemplo, se a fala de determinada personagem caracteriza dado dialeto social popular, se o “erro” gramatical foi usado para marcar a linguagem da personagem, em caso negativo, tem de ver se as vacilações existentes no texto são ou não produzidas pelo dramaturgo, entre outros aspectos. João Augusto muitas vezes, nos testemunhos tomados para edição, apresentava vacilações na grafia de algumas palavras, talvez influenciado por sua cultura. Outras vezes, deixava-nos a dúvida, seria aquela palavra um possível registro da variedade popular ou era de fato um erro do autor? ([...]. Mas tem *giboia* sobrando [...]. (AmS, p. 93, l. 7)). Nestes casos, optou-se por conservar a grafia do texto de base, sobretudo porque a forma vacilante será evidenciada no aparato, e as observações do editor virão em notas. Vejam-se, a seguir, alguns desses registros no que tange às vacilações ortográficas:

NENEN – Nem escolhe mais, a coitada. É homem, *qué casá* – SERVE!
(AmS, p. 95, l. 6) / [...] Doente tá ela prá se *casar*. (AmS, p. 95, l. 10)

MIMINHA [...] A *gente* tá aqui prá *rezá*. (AmS, p. 96, l. 1-2) / NENEM [...] Viemos prá festa de Francisca prá *rezar*. [...] (AmS, p. 96, l. 3)

[...] Olha prá *nós*, olha prá *nós* Santo Antônio. Peça-vos nos *ajudá*. [...] Por tanto... meu Santonio peça prá nos *ajudar*. [...] (AmS, p. 98, l. 16-17; l. 20-21)

[...] Ela pediu *para deixá* o moço *almoçar* aqui, *prá viajar pro* Roçado. (AmS, p. 104, l. 17)

Na busca de formas para retratar a oralidade, vê-se a fragilidade do escritor na transcrição que também é patente. Aparecem grafias convencionais para os verbos *casar*, *rezar*, *ajudar*, ao lado de *casá*, *rezá*, *ajudá*, do pronome *nós* ao lado de *a gente*, da preposição *para* em contraste com a forma sincopada *pra*, mistura a língua oral com a escrita, aparecem regências populares ao lado de outras convencionais. Deve-se, porém, lembrar de que oralidade e escrita têm suas próprias complexidades e que, portanto, devem ser tomadas em suas especificidades.

4. Considerações finais

No que tange à edição de textos modernos, deve-se considerar, quanto ao texto concreto que será oferecido ao leitor, se apresentam uma tradição singular, monotestemunhal, ou plural, politestemunhal, para que

1 assim se definam os procedimentos de edição. Como aqui se tratou da
2 edição de textos para estudo de língua, defende-se que deva o filólogo
3 assumir a atividade filológica como prática interpretativa para edição e
4 estudo linguístico conjugados. Acredita-se que o ponto mais polêmico no
5 trabalho filológico ainda se restrinja à decisão de *conservar ou moderni-*
6 *zar o texto*. Assim, para estudar a língua do texto, editores críticos se di-
7 videm quanto à realização de uma regularização gráfica, preservando a
8 ortografia em vigor na época em que o texto fora escrito, ou à execução
9 de uma prática modernizada, buscando, por meio de edições distintas, um
10 texto que sirva de suporte para as análises a serem elaboradas.

11 Miguel Ángel Pérez Priego (1997) adverte que o ponto de partida
12 de uma edição científica não pode ser o da decisão de conservar ou mo-
13 dernizar o texto, mas o de hierarquizar os fatos gráficos que nele apare-
14 cem e seleccioná-los segundo determinados critérios.

15 [...] Tales criterios son lógicamente cambiantes según las necesidades y obje-
16 tivos que se plantee el filólogo. Un razonable conservadurismo o una razona-
17 ble modernización son perfectamente aceptables, siempre que se expliquen
18 previamente los criterios y, si quiera de un modo aproximado, se trate de refle-
19 jar los usos de escritura de la época, y desde luego no se arrastren en la mo-
20 dernización palabras o giros que son particularismos lingüísticos del autor (ar-
21 caísmos, cultismos, dialectalismos) o sencillamente formas que ignore el edi-
22 tor pero que son de absoluta propiedad lingüística. ¹⁵ (PÉREZ PRIEGO, 1997,
23 p. 83-84)

24 Deve-se deixar claro que o texto a que se chegou por meio da prá-
25 tica editorial filológica, seja ele uma reprodução fac-similar, diplomática,
26 ou um texto crítico, no campo da chamada crítica textual moderna, é o
27 resultado do laborioso trabalho do filólogo no sentido de decifrar e inter-
28 pretar os traços deixados pelos vários atores sociais e culturais na materi-
29 alidade do texto, em cada testemunho ou no conjunto dos testemunhos
30 disponíveis, na história da tradição e em seu processo de transmissão.
31 Trata-se, portanto, de o filólogo fazer-se cômico de seu papel no territó-
32 rio disciplinar da filologia, realizando, com estudo e competência técni-
33 ca, as edições, com o intento de recuperar, preservar, valorizar, investigar
34 e disponibilizar o patrimônio cultural escrito para variados fins.

35

¹⁵ Tradução nossa: [...] Tais critérios são logicamente modificáveis segundo as necessidades e objetivos que se apresentem ao filólogo. Um conservadorismo razoável ou uma modernização razoável são perfeitamente aceitáveis, desde que se expliquem previamente os critérios de uso da escrita da época, e desde que não se arrastem na modernização palavras ou traços que são particularidades linguísticas do autor (arcaísmos, cultismos, dialetalismo) ou simplesmente formas que o editor ignora, mas que são de absoluta propriedade linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1
- 2 BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la rela-*
3 *ción entre oralidad y escritura*. Trad.: Lia Varela. Barcelona: Gedisa,
4 1998.
- 5 CANO AGUILAR, Rafael. *Introducción al análisis filológico*. Madrid:
6 Castalia, 2000.
- 7 CONTINI, Gianfranco. *Lettere all'editore (1945-1954)*. Organizadas por
8 Paolo Di Stefano. Torino: Einaudi, 1990.
- 9 CUNHA, Celso. *Sob a pele das palavras: dispersos*. São Paulo: Nova
10 Fronteira, 2004.
- 11 DUARTE, Luiz Fagundes. *Crítica textual*. Relatório para a obtenção do
12 título de agregado em estudos portugueses, disciplina "crítica textual".
13 Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1997. Glossário.
- 14 GLESSGEN, Martin-Dietrich. Philologie: Étude des sources pour
15 l'histoire des idiomes romans. In: _____. *Linguistique romane: domaines et*
16 *méthodes em linguistique française et romane*. Paris: Armand Colin,
17 2007, p. 387-424.
- 18 GUZMÁN GUERRA, Antonio; TEJADA CALLER, Paloma. *¿Cómo es-*
19 *tudiar filología?* Madrid: Alianza, 2000.
- 20 JESUS, Ludmila Antunes de. *A dramaturgia de João Augusto: edição*
21 *crítica de textos produzidos na época da ditadura militar*. 2008. Disserta-
22 *ção (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal*
23 *da Bahia, Salvador*.
- 24 _____. *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e es-*
25 *tudos*. 2014. 177 f. + 1 DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras,
26 Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Fed-
27 eral da Bahia, Salvador.
- 28 MARQUILHAS, Rita. "O preço da ilegibilidade". Nota em defesa das
29 edições interpretativas, seguida da edição de cartas privadas e de cartas
30 testemunhais portuguesas (séc. XVII). In: BOULLÓN AGRELO, Ana
31 Isabel; KREMER, Dieter. (Eds.). *Novi te ex nomine. Estudos filológicos*
32 *ofrecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer*. A Corunha: Fundación Pedro Bar-
33 rié de la Maza, 2004. p. 721-747. Disponível em:
34 <<http://www.clul.ul.pt/equipa/rmarquilhas>>. Acesso em: 20-07-2009.

- 1 MARTINS, Nilce Sant'Anna. *História da língua portuguesa: século*
2 *XIX*. São Paulo: Àtica, 1988.
- 3 MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica:*
4 *ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.
- 5 PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis,
6 1997.
- 7 PICCHIO, Luciana Stegagno. O método filológico: comportamentos crí-
8 ticos e atitude filológica na interpretação de textos literários. In: _____. *A*
9 *lição do texto*. Filologia e literatura. I – Idade Média. Trad.: Alberto Pi-
10 menta. Lisboa: Edições 70, 1979.
- 11 PONS RODRÍGUEZ, Lola. La historia de la lengua y la historia de las
12 transmisiones textuales. In: _____. (Ed.). *Historia de la lengua y crítica*
13 *textual*. [s.l.]: Iberoamericana; Vervuert, 2006.
- 14 PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis de fala: um estudo sociolin-*
15 *guístico do diálogo na literatura brasileira*. 9. ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- 16 REIS, Carlos; MILHEIRO, Maria do Rosário. *A construção da narrativa*
17 *queirosiana: o espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional –
18 Casa da Moeda, 1989.
- 19 SANTOS, Rosa Borges dos. A edição de textos modernos e os estudos
20 linguísticos: por uma caracterização do filólogo-linguista. In: CON-
21 GRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA – RO-
22 SAE, 1., 2009, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA/UNEB/UEFS, 2013.
- 23 TAVANI, Giuseppe. Teoría y metodología de la edición crítica de textos
24 literarios contemporáneos. In: _____. *Litterature latino-americaine et des*
25 *caraiibes du XX siecle: theorie et pratique de l'edition critique*. Roma:
26 Bulzoni, 1988, p. 65-84.
- 27 TELLES, Célia Marques. Mudanças linguísticas e crítica textual. *Revista*
28 *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, vol. 25-26, n. 1, p. 91-119,
29 2000.
- 30 _____.; CARVALHO, Rosa Borges dos Santos. O trabalho filológico:
31 mudança linguística e crítica textual. *Revista Estudos Linguísticos e Lite-*
32 *rários*, Salvador, n. 31-32, p. 76-89, 2005.
- 33 VALENTIN, Paul. *Phonologie de l'allemand ancien: les systèmes voca-*
34 *liques*. Paris: Klincksieck, 1969.